



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5981 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

O TRABALHO DO PROFESSOR EM TEMPOS DE COVID 19: SABERES DOCENTES E OPORTUNIDADE DE REINVENÇÃO

Aline Marques de Freitas - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Eliana Relá - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O TRABALHO DO PROFESSOR EM TEMPOS DE COVID 19: SABERES DOCENTES E OPORTUNIDADE DE REINVENÇÃO

Essa comunicação se desenvolve a partir de reflexões acerca dos saberes docentes e do trabalho do professor frente à necessidade de isolamento social e fechamento das escolas provocados pela pandemia do Covid19. Tal situação impôs ao sistema escolar adotar medidas para a manutenção e continuidade dos processos educacionais, a exemplo da Nota de Esclarecimento do Conselho Nacional de Educação, de 18 de março de 2020, a partir da qual fica autorizado a realização de atividades a distância nos diferentes níveis e modalidades da Educação Básica, bem como no Ensino Superior.

Na condição de professoras e pesquisadoras vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, vivemos a experiência de dar continuidade ao fazer docente imersa na modalidade das atividades pedagógicas não presenciais – há outros termos usados como “ensino remoto”, optamos por esse termo, adotado pelo Conselho Nacional de Educação. Partindo de tais experiências nesse atípico período, recorreremos aos estudos de Tardif (2007) fundamentando teoricamente os conceitos de saberes docentes e experiência, articulando-os com reportagens e manifestações sobre o assunto nas mídias e redes sociais. Pretendemos assim, estabelecer algumas premissas para pensar sobre os impactos desse contexto na experiência e na construção de saberes docentes. As premissas são: a necessidade de reinvenção do trabalho do professor diante da urgência do ensino não presencial; a urgência da incorporação das tecnologias digitais de forma sistemática; a mobilização de saberes pré-existentes sobre essas tecnologias e a incorporação destes aos saberes da prática docente, em debate com especialistas e seus pares, para que ocorra a consolidação de novos saberes, novas normativas e rotinas no contexto educacional.

Nessa escrita nos colocamos como historiadoras que exercem a docência e como pesquisadoras da história da educação. Como educadoras – que têm vivências da sala de aula, que está imersa na ação do ato educativo formal – e que essa identidade nos marca primordialmente. Mas também escrevemos como professoras de História, que demarca alguns dos saberes de formação que são acionados em como vemos o cenário da educação no

tempo presente. Esse presente que nos apela, de forma quase palpável e que pesa no delineamento da nossa ação pedagógica e das nossas ponderações. Ora, escrevemos como historiadoras que, como tal, mobiliza competências específicas orientando as análises de cada reportagem, texto, charges, decretos de governantes e manifestações nas redes sociais. Escrevemos como historiadoras da educação porque relacionamos a vivência de novas rotinas educativas às análises históricas e às consequências para a educação. É um ciclo no qual estamos inseridas e que nos constitui. Nossas elucubrações culminaram nessa escrita.

Um texto foi o encetamento para que a tomada de decisão em colocar as nossas meditações sobre esses tempos vividos no papel. Carlota Boto (2020) escreveu para *Jornal da USP* e, em tom otimista e desafiador provoca os professores a se reinventarem. Essas argumentações acionaram um questionamento na mestrandia que vos fala: afinal qual papel estava eu cumprindo, produzindo conteúdo significativo para meus alunos referente à disciplina ou os objetivos educacionais estariam deixando de ser os da disciplina e passariam a ser os das capacidades e habilidades para bom uso da internet? Como estaria participando dos desdobramentos do isolamento social: contribuindo para levar normalidade e continuidade aos estudos dos educandos ou me via como a banda tocando música no naufrágio do Titanic? E por fim, qual o papel social nesse ínterim: fazendo a minha parte e deveria me orgulhar disso ou contribuindo para a desigualdade social, frente a quem tem condições de acompanhar ou não as aulas remotas? Parecia profícuo e pertinente pensar articulando a professora com a pesquisadora, afinal, Tardif (2007) alerta que estudar sobre a educação sem levar em conta as situações de ensino que envolvam as práticas e os professores desse ensino seria contraproducente, assim como ficar mais interessado em apenas no que os professores deveriam ser, fazer e saber do que quem eles são, fazem e sabem. Com isso em vista, e a partir de discussões com a orientadora, levantamos algumas considerações tendo em vista algumas das diversas publicações sobre o assunto.

As bases da carreira do professor possuem forte dimensão temporal (TARDIF, 2007) e a pandemia e o conseqüente fechamento das escolas, deixarão marcas na profissão docente. Se a carreira do professor tem uma dimensão histórica dos saberes, saber-fazer e saber ser professor, vivemos um período excepcional para observar como esses saberes serão mobilizados para as novas demandas exigidas, visto que, a nossa profissão passa por uma reorientação identitária, situado pela urgência do uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TIDICs) e outros recursos para pensar a educação não presencial.

O trabalho do professor é entendido como um ato de transformação de si mesmo, que define a sua identidade, pois tem marcas da nossa atuação profissional porque, com aquilo que fazemos para o mundo, vamos nos constituindo (TARDIF, 2007). Assim, pensar sobre essa conjuntura, é pensar não só sobre que saberes serão mobilizados e produzidos, mas como vamos, enquanto professores, nos constituir a partir dessa vivência que é, ao mesmo tempo, de rápida adaptação – diante da continuidade dos estudos remotos decretados pelos governantes frente à pandemia – e de enfrentamento das demais contingências desse isolamento.

Por ter consciência de que não estamos à parte do processo histórico é que não seremos ingenuamente otimistas. No entanto, por entender que é na passagem do tempo que o saber-trabalhar se modifica, e que o passar desses dias excepcionais deixará marcas no nosso fazer educativo vemos esse momento como potente. A adversidade traz em si uma marca de renovação, e assim argumentaremos, na potencialidade desses tempos.

A maioria de nós professores está lidando com uma necessidade de reinvenção que não tem pouca sustentação nos nossos saberes docentes. Afinal não somos nativos digitais – entendido como as pessoas cujo desenvolvimento biológico e social se deu em contato direto

com a tecnologia, se pensarmos nos saberes da socialização primária. Não usamos as TDICs nos nossos processos escolares, se pensarmos nos saberes escolares. Não aprendemos a usá-las na nossa formação profissional, salvo alguns que buscaram essa formação em pós-graduação – o que não representa uma maioria. E muito aos poucos temos tido contato com elas, através das sugestões dos materiais didáticos ou pelas experiências de trocas entre pares em alguma formação continuada. Esses saberes sobre as TDICs no geral são exteriores ao nosso ofício de ensinar, pela cultura digital incorporada no cotidiano como uso de smartphones e aplicativos, no geral, para entretenimento. E, considerando como Tardif (2007) que nossas crenças prévias, da socialização primária e principalmente da escolarização pré-profissionalizante são mais fortes que o processo educativo de formação profissional, então como lidaremos com essas tecnologias? Essa é uma realidade que, se não paralisa, causa muito desconforto.

De princípio, alguns grupos docentes tomam uma posição de negação (PASSOS, 2020; DIREÇÃO DO SEPE-RJ, 2020), o que é esperado, pois não se sentem seguros com o referencial que possuem, para sustentar essas ações educativas e mesmo pelo medo de serem ainda mais escanteados das decisões sobre os processos educativos. Quem mais parece ser ouvido nas mídias são as famílias e os especialistas (TIRABOSCHI, 2020; FURLANETO, 2020). Outros grupos defendem-se diante da impossibilidade de atingir a todos de forma igualitária, diante da desigualdade social e do pouco ou nenhum acesso dos alunos às TDICs (BORGES, 2020; TENENTE, 2020). De fato, não apenas as TDICs utilizadas, mas todas as diligências precisam ser levadas em conta. Outros defendem a necessária socialização e afetividade proporcionadas pelo ambiente escolar como condição *sine qua non* para a aprendizagem acontecer, algo que explica, em partes, a proibição do *homescooling* no Brasil (TAJRA, 2020). Ainda assim, alguns grupos de docentes parecem estar dispostos a levar adiante esse ensino não presencial, mas essas ações são menos noticiadas, são mais internas, em grupos de trocas de atividades, de redes sociais como WhatsApp e o Facebook, e demonstram uma solidariedade e reconhecimento identitário do grupo docente (PORVIR, 2020). De qualquer forma, esses novos processos educativos estão sendo “testados” ao mesmo tempo que aplicados e isso escancara uma fragilidade docente, acostumados a não ter protagonismo na educação e carregar o fardo de eventuais fracassos.

As práticas e rotinas a que estamos imersos e aprendemos a viver – em um sistema normativo, com valores e regras que lhe são próprios e compartilhados – estão suspensas. Quais as regras e rotinas no ensino remoto? Não sabemos e estamos descobrindo juntos. De todos os saberes que Tardif (2007) afirma serem bases ao nosso trabalho, os que estão mais disponíveis a serem mobilizados são os saberes provenientes dos nossos pares, pela experiência do agora, compartilhada em reuniões, encontros e grupos virtuais. O que faz um mesmo aluno optar por fazer um trabalho, previsto para daqui duas semanas, em apenas dois dias e não fazer outro? Porque o aluno não acessa a vídeo-aula gravada mas participa na aula síncrona? Vamos formando um novo conjunto de saberes partilhados que é, em muitos casos, efêmero: deu certo, agora não deu mais; usa este aplicativo, agora usa este; monta a aula assim, agora dessa forma. A troca de ideias, o partilhar das vivências, configura-se um lugar profícuo para construção desses novos saberes. Isso não significa certo desconforto, pois os professores precisam dar conta das demandas ao mesmo tempo que as experimentam pela primeira vez.

As discussões que vêm, à algum tempo, sendo debatidas no campo da educação, sobre o uso das TDICs não parecem suficientes. Se o professor se sente sobrecarregado e incapaz de acompanhar o ritmo das mudanças e reformas na normalidade – tanto por falta de recursos quanto porque muitas vezes elas apenas se adicionam às antigas; no momento atual como diminuir essa sensação e como suprir a questão da falta de recursos? Uma alternativa interessante pode ser a superação do individualismo do trabalho do professor (TARDIF,

2007), pois se trata de uma pandemia que afeta a todos, e que precisa de soluções globais que permitam, ao mesmo tempo, adaptações às realidades regionais. Seria um caminho possível principalmente se incluísse, na discussão e na tomada de decisões, os próprios professores.

As leituras sobre o que fato se configura em um ensino não presencial e como fazer esse ensino são muito variadas e até incompreendidas. Desde ações que poderíamos perceber como uma pobre transposição do uso do quadro negro, até bons exemplos. Nessas possibilidades, alguns professores têm compartilhado ações com uso das TIDICs de forma efetiva, criando seus próprios conteúdos digitais em vídeos, elaborando jogos e criando tutoriais para seus colegas (CARVALHO, 2020; DOMINGUES, 2020). A busca por dar sentido coletivo surge na validação dos pares. Aqui, a busca dessa validação toma novas proporções, pois os novos conjuntos de referências – que poderão se consolidar em novos saberes – são experienciados ao mesmo tempo em que se tornam referências normativas e culturais, através das interações e transações dos indivíduos (TARDIF, 2007). Essas novas formas de interação e validação moldarão os novos saberes-fazeres dos professores, assim como serão moldados por eles, na medida em que participam dessa construção.

Nos encontramos em uma situação impersistente, estamos em um período de crise que modifica a normalidade, o que poderá provocar uma erosão das competências e, porventura, o surgimento de novas. Estamos precisando recomeçar, independentemente do estágio em que nos encontramos nas nossas carreiras, isso implica um grande investimento de tempo e energia. E a impressão é de mais trabalho, pois não temos a rotina que nos possibilita reduzir certas situações a esquemas de ação (TARDIF, 2007). E, se o que dá menos trabalho é fazer o que sempre se faz, como impedir o uso das TDICs e demais recursos apenas reproduzindo os velhos esquemas da sala de aula? Que velhos esquemas bons continuarão e quais não funcionariam? Seria agora o tempo propício para pensar uma educação mais condizente com as necessidades e os desejos de uma sociedade que se quer mais justa?

Segundo Tardif (2007), o objeto do trabalho docente escapa constantemente ao controle do professor, e seu trabalho é de cunho emocional pois envolve perceber as emoções dos alunos. Ensinar é fazer escolhas na interação com os alunos, e os professores lidam com pessoas, que precisam assentir e participar do ato educativo, em uma relação “lado a lado” na qual a ênfase está na colaboração mútua. Assim, o professor precisa da adesão do grupo ao produzir o seu discurso. Então, como proceder à distância, seja nas atividades, seja na aula síncrona pois, na grande maioria das vezes, os alunos mantém suas câmeras desligadas e o professor trabalha com a tela preta ou olhando a si mesmo? Ou seja, como manter a interação, agora deslocada do seu habitual? O dilema de fazer essas reflexões continua a ser o fato de que elas ocorrem durante a ação educativa, em meio aos limites de recursos e de tempo.

Sem aspirar à uma ou mesmo várias respostas, trouxemos alguns indícios de possíveis caminhos, e que são assentadas em Tardif (2007), quando fala sobre a avaliação entre os pares, nas quais defende que os professores possuam certo controle de seu trabalho. Parecem ser frutíferas as discussões que os professores têm entre si.

Isso se justifica por algumas razões. Os professores trabalham frequentemente com orientações de trabalho imprecisas, produzidas por grupos externos, ou seja, o professor é ator da sua própria ação, mas o faz normalmente sobre prescrições das autoridades educacionais, escolares e universitárias – sendo assim, historicamente seu poder na organização das instituições é reduzido – mas, no fim, é ele que atua levando em consideração os condicionantes reais de trabalho, criando suas estratégias para a sua ação (TARDIF, 2007). Segundo Tardif (2007, p. 127) “o professor precisa, o tempo inteiro, reajustar seus objetivos em função da tarefa que está realizando e de todas as suas limitações temporais, sociais e materiais”. Logo, a opinião dos pares é validada porque o professor sabe que seu colega, ou já

aplicou com seus alunos, percebendo as dificuldades e contingências, entendendo as imposições muitas vezes diárias de improviso. Isso explica sua desconfiança frente às novas propostas e prescrições, e sua maior adesão quando essas são adotadas pelos seus pares.

Nesse sentido, criar canais de comunicação direta entre os pares e com outros especialistas parece ser uma saída, já que não se trata de dar direito exclusivo aos professores de gerir e pensar sobre a educação, mas de reorientar a base da discussão, em conjunto com o professor escolar. Uma formação eficiente deverá levar em conta as necessidades reais e serem coerentes com a bagagem, os saberes e os modelos de ação do professor (TARDIF, 2007). Dessa forma, os saberes mobilizados e adquiridos poderão ser mais eficazmente consolidados e, assim, potencialmente transformadores.

Propusemos para essa comunicação estabelecer algumas premissas para pensar sobre os impactos do atual contexto na experiência e na construção de saberes docentes. O professor precisa se reinventar, incorporando de forma mais efetiva novos saberes, impulsionados inicialmente para a aprendizagem não presencial. Precisar para isso mobilizar seus saberes sobre essas tecnologias e os amalgamar aos seus saberes da prática docente, em contato com especialistas e também seus pares. Consolidando assim novos saberes, novas normativas e rotinas que poderão gerar mudanças permanentes na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes Docentes; Educação Remota; Trabalho do Professor.

REFERÊNCIAS

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8 ed. Petrópolis, RS: Vozes, 2007. 325 p.

BOTO, Carlota. A educação e a escola em tempos de coronavírus. **Jornal da USP**, 8 abril de 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus/>> Acesso em: 30 de maio de 2020.

BORGES, Daniela. Ensino a distância na quarentena esbarra na realidade de alunos e professores da rede pública. **UOL** [S.I]. 11 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/05/11/ensino-a-distancia-na-quarentena-esbarra-na-realidade-de-alunos-e-professores-rede-publica.htm> Acesso em: 30 de maio de 2020.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Professor de História desenvolve jogo inovador utilizando apenas formulário do Google (Notícia). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/professor-de-historia-cria-jogo-inovador>. Publicado em: 1 mai. 2020. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 18 de maio de 2020.

DOMINGUES, Joelza Ester. GAMES! UM RECURSO PARA AULAS REMOTAS EM

TEMPO DE ESCOLAS FECHADAS. In: **Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues**. [S. l.], 29 mar. 2020. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/jogos-de-historia-do-brasil/>. Acesso em: 30 maio 2020.

FURLANETO, Audrey. Covid-19: especialistas discutem rumos da educação brasileira após fim do isolamento social. In: **O Globo**. [S. l.], 16 abr. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/covid-19-especialistas-discutem-rumos-da-educacao-brasileira-apos-fim-do-isolamento-social-1-24364206>. Acesso em: 30 maio 2020.

TIRABOSCHI, Juliana. Homeschooling na quarentena: relatos de quem tem educado os filhos em casa. In: **Universa**. [S. l.], 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/13/homeschooling-como-estando-ensino-a-distancia-durante-a-quarentena.htm>. Acesso em: 30 maio 2020.

PORVIR. Comunidades online aproximam professores e promovem troca de práticas pedagógicas. **Porvir.org**, 12 mai. 2020. Disponível em: <<https://porvir.org/comunidades-online-aproximam-professores-e-promovem-troca-de-praticas-pedagogicas/>>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

TAJRA, Alex; Bermúdez, Ana Carla; Sobrinho, Wanderley Preite. Covid-19 mostra ser inviável que pais eduquem filhos em casa, diz educador. **UOL**, 12. mai. 2020. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/05/12/covid-mostra-que-criancas-nao-sao-educadas-apenas-em-casa-dizem-educadores.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

TENENTE, Luiza. Sem internet, merenda e lugar para estudar: veja obstáculos do ensino à distância na rede pública durante a pandemia de Covid-19. **G1**, mai. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/05/sem-internet-merenda-e-lugar-para-estudar-veja-obstaculos-do-ensino-a-distancia-na-rede-publica-durante-a-pandemia-de-covid-19.ghtml>> Acesso em: 30 de maio de 2020

DIREÇÃO DO SEPE-RJ. Professores se posicionam contra o ensino à distância durante quarentena. **Brasil de fato Rio de Janeiro**, 6 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2020/05/06/opiniao-professores-se-posicionam-contr-o-ensino-a-distancia-durante-quarentena>> Acesso em: 30 de maio de 2020.

PASSOS, Úrsula. Professores, pais e entidades procuram Justiça contra obrigatoriedade do ensino remoto. **Folha de S.Paulo**, 1º mai. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/professores-pais-e-entidades-procuram-justica-contr-obrigatoriedade-do-ensino-remoto.shtml>> Acesso em: 30 de maio de 2020.